

## Do sintético para o analítico: uma tendência em três línguas neolatinas

*Bortone, Márcia Elizabeth  
Mexias-Simon, Maria Lúcia*

**Resumo:** *This article seeks to bring onto focus the linguistic trend to express by periphrases the future tense in three Latin - American languages. The phenomena is here analysed in both dyachronic and socioiinguistic perspectives. This study intends to develop some considerations concerning the grammar patterns against the actually language usage.*

**Palavras-chave:** *História da língua, Sociolingüística, Ensino de língua*

Há uma tendência nas três línguas neolatinas transpostas para as Américas de substituir, em situações informais de fala, o futuro sintético pelo futuro perifrástico. Essa forma ocorre nas três línguas, principalmente com o verbo *ir*, formando, assim, uma perífrase verbal em francês, espanhol e português. Nas gramáticas tradicionais, faz-se a distinção entre as duas formas verbais de referência à ação futura, esclarecendo que a forma perifrástica distingue-se da sintética para exprimir o firme propósito de executar a ação ou para indicar um futuro próximo:

---

**Márcia Elizabeth Bortone** é Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFG. Coordenadora do Mestrado em Letras e Lingüística.

**Maria Lúcia Mexias-Simon** é Professora do Curso de Letras da Universidade Severino Sombra

- a) Amanhã vou fazer compras.  
b) Ano que vem, irei à Europa.

É importante notar que os falantes continuam fazendo a distinção aspectual entre o futuro próximo e o distante, mas esta distinção não está mais estritamente vinculada à oposição das duas formas verbais; como atestam os dados da pesquisa.

Na verdade, é o contexto discursivo/situacional que melhor definirá a escolha de uma ou outra forma. Diante de tal fato, surgem algumas indagações:

- Por que a preferência pelo uso da forma analítica, uma vez que, na fala informal, há uma tendência à simplificação e à economia linguística?
- Podem-se observar restrições semânticas, ligadas a aspecto/tempo na atualização dessas formas verbais?
- as razões históricas explicariam, ao menos em parte, esta tendência à perífrase?
- A opção por uma das duas formas é uma questão tão somente de registro?

São estas as questões que pretendemos trazer à baila, com o propósito de apresentar uma contribuição à análise do fenômeno em causa.

Formação histórica das três línguas em estudo: a constituição das línguas nacionais surgiu com a emergência dos estados modernos. O português, o romeno, o italiano, o francês e o espanhol (além do catalão, do provençal, do rético, do sardo e do veglioto) resultam da evolução do latim que se implantou numa vasta região da Europa por meio de conquistas militares e do consequente domínio cultural e político de Roma, a partir do século III a.C.

A latinização na Península Ibérica sofreu mudanças profundas. Na Idade Média, os romances (embriões das modernas línguas românicas) predominavam já por toda região. Surgem então os estados políticos medievais, com a divisão da Península Hispânica em reinos. Por volta do século XI d.C., o condado de Porto Cale, localizado na região do Porto, separou-se dos reinos de Leão e Castela. Foi nesse Condado Portucalense, desmembrado da Península Hispânica, que se desenvolveu, como língua nacional, uma forma de romance peculiar, a partir da qual se teria constituído a língua portuguesa. Na França, foi o francês do norte que assumiu a posição da língua nacional, procurando superar a longa tradição da Gália dividida em três partes (francês, provençal e franco-provençal). O provençal, de grande importância na literatura da Idade Média, compunha a langue d'oc - variedade meridional do galo-românico.

Na Espanha, a luta entre castelhanos e mouros resultou no alargamento da base territorial do Estado espanhol, com a consolidação da língua castelhana, permanecendo focos de resistência linguística, como o galego, o basco (idioma pirenaico de origem não indo-européia) e o catalão, que é hoje o principal rival do espanhol.

Com o advento do Renascimento e o avanço das técnicas náuticas, teve início o período dos descobrimentos, transplantando-se, dessa forma, várias línguas nacionais do Velho para o Novo Mundo. Nos tempos modernos, tivemos dois acontecimentos marcantes do ponto de vista sociolinguístico:

- a) a constituição e instituição das línguas nacionais;  
b) a implantação das línguas coloniais, decorrência da transferência de línguas européias para outros continentes. (Elia, S., 1987, p. 30)

Tendência à analiticidade no Latim Vulgar: as línguas indo-européias sempre conheceram, ao lado das formas flexionais do verbo, composições de duas formas verbais para expressarem categorias ou nuances categóricas não previstas no quadro de flexões. O processo geral na conjugação perifrástica das línguas indo-européias consiste em combinar uma forma nominal do verbo com qualquer forma flexional de outro verbo selecionado para auxiliar. A significação lexical do conjunto está na forma nominal, como a da forma simples flexional está no radical. A significação gramatical é dupla:

- a. de um lado as categorias número-pessoal e modo-temporal, que se expressam na flexão do verbo auxiliar;  
b. de outro lado, a nuance categórica privativa da construção, e que resulta de associação da significação lexical do auxiliar com o tipo de forma nominal que o acompanha (particípio, gerúndio, infinitivo).

Há uma unidade semântica na composição, que não impede a intercalação de locuções ou vocábulos. As duas formas verbais não se disjungem na análise da oração, para se associar a outro elemento. As conjugações perifrásticas se dispõem numa série em ordem decrescente da intensidade da significação lexical do auxiliar. Nessa escala, podem-se dizer mais ou menos gramaticalizadas. Na gramaticalização mais forte, o auxiliar está com a significação lexical esvaziada e se tomou mero índice da categoria que se deseja exprimir. As conjugações perifrásticas devem ser entendidas como processo de composição morfológica na base de uma locução, isto é, dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior.

Foi o que ocorreu na formação do futuro nas línguas românicas modernas. O latim vulgar, ao contrário do latim clássico, não propiciava o uso do futuro. A concepção de um futuro, em termos temporais estritos, não é própria, de maneira geral, do uso coloquial de qualquer língua. O seu advento resulta de uma elaboração secundária, de ordem puramente intelectual e o emprego de um tempo futuro, rigorosamente dito, depende de condições especiais de comunicação linguística, quando pautada mais por um raciocínio objetivo do que por um impulso comunicativo espontâneo. Para esse, a noção do futuro está associada à dúvida, ao desejo, à imposição da vontade e funciona, a rigor, na categoria de modo. Os próprios futuros do latim clássico provêm de formas volitivas (1ª e 2ª conjugações) ou de formas do subjuntivo (3ª e 4ª conjugações). Foi a

disciplina gramatical e a norma da língua escrita e literária que as trouxe para uma aplicação de futuro temporal estrito. No latim vulgar, o que predominava era o uso do presente como futuro, desde que não houvesse uma motivação modal para levar o falante a outro uso.

Para esse fato contribuiu a confusão entre o futuro simples e o pretérito perfeito, pela degeneração do primeiro, nas 1ª e 2ª conjugações (*amabit/amavit*), e entre o futuro simples e o presente do subjuntivo nas 3ª e 4ª conjugações (*legam/audiam*). Além disso, o latim clássico possuía uma perífrase para o futuro próximo - *cantaturus sum*. Mas o latim vulgar não adotou nenhuma dessas formas. Após ter hesitado, por um longo tempo, entre várias perífrases (entre elas a forma *volo cantare* 'quero cantar'), a grande maioria das províncias adotou uma, cujo sentido originário fora 'tenho de cantar' *cantare habere* (Auerbach, E., 1970, p.88) Essa combinação do infinitivo com o presente do verbo *habere*, em grande parte da România, se estabeleceu como locução volitiva, focalizando, do presente, a vontade de que uma ocorrência se desse. Firmou-se, assim, no Latim Vulgar, um modo futuro temporal, ou tempo futuro. Do ponto de vista formal, houve aglutinação de dois vocábulos com redução fonética das formas de *habere*: português - cantarei; espanhol - cantaré; francês - chanterai; italiano - canteró).

Na língua coloquial, permanecem as condições que determinavam, no latim, as formas futuras serem de emprego parcial, limitadas à língua escrita e a certas situações orais formalísticas. Mantém-se o sistema bipartido: do presente que abarca o futuro ("acho que ele vem" e não, "acho que ele virá").

A perífrase do verbo *ir*+infinitivo tem um valor aspectual e um valor modal. Assinala a intenção de fazer alguma coisa e um aspecto *sui generis*: o do que ainda vai acontecer. Essa significação aspectual dá-lhe o caráter de um futuro, a partir do pretérito (exemplo: "por que você foi fazer isso?"), ou de outro futuro (essa última forma é rara). É o caráter modal que propicia o emprego freqüente da perífrase com o indicativo presente simples para expressar o futuro na língua coloquial ('ele vai chegar às duas horas'). É porém interpretação inadequada dizer-se, como se faz comumente, que se trata de mera substituição de futuro simples. O que substitui o futuro simples, na linguagem coloquial, é o presente. As locuções com o verbo *ir* no presente tiram sua motivação e sua freqüência de emprego da significação modal e aspectual que contém. Assim, o que elas substituem é o presente simples para assinalar, a mais, a atitude psíquica e a expectativa.

Formação perifrástica do verbo em espanhol: as principais formas de conjugações perifrásticas do verbo em espanhol são: voz passiva, voz progressiva, voz durativa e voz perfectiva.

Vamos nos deter na voz progressiva que indica que a ação se efetuará num futuro imediato: *vo salir* equivale a *saliré*; *vamos pensarlo* é o mesmo que *lo pensaremos*.

Pode-se trabalhar com a hipótese de tempo em posse. Segundo essa teoria, o tempo potencial aparece especialmente no infinitivo; com tensão e distensão médias no gerúndio e com tensão e distensão máximas no particípio. (Llorach, 1951, passim) Essa teoria poderá, pois, explicar o significado das perífrases verbais com estas formas. O infinitivo, com sua tensão intacta, oferece uma perspectiva de realização, um valor progressivo; em consequência, as perífrases com infinitivo têm, em geral, valor progressivo, dirigido para o futuro: isso explica ter sido o infinitivo escolhido como forma auxiliar na reconstrução dos futuros gramaticais.

A realização do futuro perifrástico na língua francesa: no sistema de tempos que o francês herdou do latim, e que completou por meio dos auxiliares *être* e *avoir* - matizes temporais de futuro próximo e de passado recente - não estão nitidamente expressas: o aspecto não parece ter forma característica. Enfim, os recursos gramaticais não permitem sempre determinar o tempo futuro. O francês precisou criar um certo número de perífrases verbais. A grande maioria remonta à época do francês medieval, algumas são mais recentes. O seu desenvolvimento foi desigual: algumas quase formam um sistema de conjugações (é o caso de *aller* + infinitivo), outras conservaram alguma coisa de seu sentido próprio.

O futuro simples em francês é primitivamente, como já foi dito, uma forma perifrástica formada de *habere* + infinitivo. Tão longe quanto se possa ver, essa forma deixou de ser sentida como perifrástica, ao contrário de outras línguas românicas (provençal, italiano, espanhol e português), onde os dois elementos foram por mais tempo sentidos como independentes. O francês não dispõe de futuro para o modo subjuntivo, nem para o infinitivo ou para o particípio. Nesses casos, deve recorrer a auxiliares. Em algumas situações utiliza o presente do indicativo. Em outros casos, pode ocorrer que se deseje visualizar nitidamente a ação como futura. As perífrases *venir à* + infinitivo e *aller* + infinitivo são freqüentemente utilizadas nas proposições condicionais.

O primeiro gramático que assinalou o futuro próximo foi Maupas, em 1607:

Nous rendons diversement les participes futurs latins ... Nous usons aussi de ces phrases ... que je vais avoir, que tu vas avoir - *puerulus principatum Franciae habiturus* - un enfant qui aura, qui doit avoir, qui est pour avoir (et qui va avoir quand l'effect s'entend proche), la Couronne de France. (In Gougenheim, G., 1971, p.100).

Particularmente, a partir da segunda metade do século XVIII, é interessante, sob três pontos de vista, a ação dos gramáticos na:

- criação de uma palavra para caracterizar o novo tempo constituído por esta perífrase - futuro próximo;
- extensão, para fins puramente teóricos, desta formação a outros tem-

pos, além do presente do indicativo do verbo *aller*;

c) proibição de *s'en aller*, concorrente de *aller* nesta perífrase.

*Aller* é portanto, admitido, em geral, como auxiliar do futuro próximo. Os puristas só o criticam em um caso: quando é seguido do infinitivo *aller*, não querem aceitar ser o primeiro *aller* um simples utensílio gramatical e que se pode dizer *je vais aller*, como *je vais rester*.

Do duplo sentido de *aller* diante de um infinitivo podem resultar ambigüidades. *Je vais me promener* pode significar 'eu estou a caminho para ir ao passeio' ou 'eu passearei mais tarde'. Para evitar essa ambigüidade e, ao mesmo tempo, para não dizer *je vais aller* e ainda mais um infinitivo a língua recorre à expressão de *ce pas*: *je vais de ce pas chercher un appartement*.

A partir do século XVIII, o futuro próximo entrou normalmente na linguagem, podendo ser empregada mesmo com nomes de coisas por sujeito: *la journée va finir*.

Razões lingüísticas para o uso perifrástico do verbo no português do Brasil: No latim falado em relação ao latim clássico, podem-se fazer algumas observações no âmbito da morfologia (Coutinho (1969, p. 33-34). Transplantando-as para a situação atual do português falado em relação ao português padrão, parece manifestarem-se tendências semelhantes:

a) as formas sintéticas do comparativo - *certior* - e do superlativo - *justissimus* - apareciam no latim falado, como formas analíticas: *plus/magis certus; multum justus*;

b) o futuro imperfeito do indicativo - *amabo, debebo, legam, audiam* — tinha sua forma sintética substituída por uma perífrase composta do infinitivo do verbo em questão e do indicativo de *habere*;

c) à semelhança do futuro do indicativo, a forma sintética de voz passiva aparecia na língua falada reanalisada em uma perífrase: *amatus sum, auditus sum*, em lugar de *amor, audior*.

No português falado, encontramos preferência semelhante por formas perifrásticas nos contextos (a) e (b) acima mencionados, já que o contexto (c) já se firmou na língua padrão somente na forma analítica. O superlativo analítico pode-se apresentar nas formas *bom, super bom* e até *muito ótimo* (essa última forma pode-se explicar pela ausência de *íssimo* na palavra *ótimo*, contribuindo para uma relação com o superlativo).

Quanto à opção pela forma de futuro simples ou a de futuro perifrástico, deve ser considerada como diferença de registro lingüístico e não, propriamente, de organização gramatical.

A forma sintética de futuro imperfeito do indicativo, *amabo* e *audiam*, perdeu-se no sistema do latim falado, em favor de uma forma perifrástica, *amare habeo* e *audire habeo*, em função do registro lingüístico escrito versus falado. A função, pois, é preservada; a forma aparece, entretanto, diferentemente vestida, constituindo, assim, uma perda morfológica não-encaixada, não da função, mas

da forma. (Tarallo, 1990, p. 132)

No português popular escrito, constata-se que, nos textos epistolares, ocorrem as formas sintéticas do futuro do presente, e que há um contraste entre esse fato e o que ocorre na língua oral, onde as locuções com valor de futuro preponderam sobre as formas sintéticas. Esse fato pode ser explicado pela consciência que teria o emissor de estar enfrentando a língua escrita e, também, de pretender passar para o destinatário uma imagem favorecida.

Observa-se, ainda, que, na língua falada, o futuro simples é de emprego relativamente raro e há uma preferência, na língua oral, em substituí-lo por locuções do tipo presente do indicativo do verbo *ir*+infinitivo do verbo principal entre outros.

Realmente, como pudemos constatar no decorrer da análise dos dados, há uma forte tendência ao uso das perífrases que dão idéia de ação futura. Uma explicação bastante abrangente, sobre essa preferência, encontra-se na questão aspectual do verbo.

O futuro do presente em si não marca qualquer aspecto, como podemos observar no exemplo: 'Clarisse desenhará os modelos para mim' (Travaglia 1985, p. 21).

Há duas explicações para o fato:

a) em primeiro lugar, a marca do tempo futuro que atribui às situações uma realização virtual, é, até certo ponto, abstrata, o que enfraquece as noções aspectuais que estão sendo atualizadas;

b) em segundo lugar, este tempo tem um valor modal, proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão de aspecto.

É justamente a interferência de outros recursos, como as perífrases verbais e adjuntos adverbiais, que propiciarão a criação do valor aspectual:

- Quando você voltar, já terei escrito a carta.

- Amanhã, logo cedo, vou providenciar os papéis.

- Maria vai tomar conta dos meninos no próximo domingo.

Outra observação interessante é a de que, quando temos aspectos com tempo futuro, a situação apresentada como futura, normalmente é presente ou passada em relação a uma outra situação (expressa em outra oração ou especificada no contexto), ou, a um dado momento expresso por adjunto adverbial de tempo (*idem*). Geralmente a situação futura é apresentada como presente a outra, se tivermos os aspectos imperfectivos ou cursivos, ou apenas imperfectivos e, como passada, se tivermos o aspecto perfectivo, como em:

- Quando ele estiver chegando, vocês poderão sair. (perfectivo não-acabado)

- Quando ele tiver chegado, vocês poderão sair. (perfectivo acabado)

Como o tempo futuro atribui à situação uma realização virtual, o que acumula ou enfraquece o aspecto a ser atualizado, dificultando assim sua percep-

ção, torna-se, portanto, desinteressante atualizar essa categoria. Desse modo, o falante opta pelas perífrases, o que fortaleceria o caráter aspectual da expressão.

Como se observa, os auxiliares modais (*dever, poder, ir* etc.) expressam o mesmo que o tempo futuro, embora se deva ter em conta a clareza, ênfase e popularidade dos auxiliares não aglutinados como, *hei, há, há* ao verbo principal. Dita popularidade predomina no modal *ir*. Até mesmo com o infinitivo *ir* ocorre esse auxiliar modal na linguagem popular: *vou ir, vamos ir*.

Tem-se dito que locuções como 'vou passear' repetem o fenômeno histórico do analitismo. A forma simples *amabo*, já inexpressiva para traduzir projeções no futuro como 'decisão', 'vontade', 'dever', foi substituída por uma locução modal: *habeo amare > amare habeo > amarei*. Da mesma forma, a flexão *passare-arei*, já inexpressiva na comunicação de 'decisão', 'projeto', 'desejo', passa a ser substituída por uma nova locução modal: *vou passear*, onde em lugar do auxiliar *haver (de)*, se aproveita o auxiliar *ir*.

Pode-se, portanto, considerar o futuro como uma forma marginal: chamamos de marginais, aqui, certas formas da língua literária que ocorrem esporadicamente na língua coloquial, paralelamente a outras mais frequentes; são elas: o futuro do presente e o futuro do pretérito (Pontes, 1972, p. 93). Na pesquisa da autora, além da expressão estereotipada 'será que', ocorreu apenas um exemplo no *corpus* com o futuro simples.

Uma outra explicação para a preferência pela perífrase parece residir na questão fonética da língua. Há, no português falado, uma neutralização entre os finais verbais do futuro do presente e do pretérito na 3ª pessoa do plural: 'eles falarão/falaram'. Essa neutralização é especialmente observada nas redações de alunos de 1º grau, em que se encontra uma grande confusão na escrita entre essas duas terminações verbais.

Sabemos que uma das causas da evolução fonética do latim para o português foi a perda da noção de desinência casual. Processo análogo parece ocorrer no português falado hoje, com as desinências verbais:

(...) é provável que as modificações fonéticas (principalmente a perda das consoantes finais e a perda e o enfraquecimento de vogais átonas), acarretadas por acento de intensidade, precipitassem a ruptura do sistema morfológico do latim clássico, que se tornava, assim, inadequado às necessidades de uma sintaxe altamente sintética. A flexão foi substituída pela perífrase. A análise tomou lugar da síntese. E a ordem das palavras veio a assumir em sintaxe um papel de máxima importância (Williams, 1973, p. 40).

A pesquisa: a sociolinguística tem sido um dos campos mais férteis da pesquisa linguística atualmente. Uma das maiores questões que permanecem sem solução para os linguistas é o mecanismo pelo qual as línguas evoluem e mudam, assim como o processo que levou à grande diversidade de línguas no mundo de hoje. A língua falada, as atitudes linguísticas e os comportamentos manifestos em relação à língua e seus usuários são assuntos que estão intima-

mente ligados aos estudos sociolinguísticos.

No caso específico do trabalho, estamos voltados para as seguintes questões:

- A forma sintética está cada vez mais restrita à modalidade escrita?
- Há alguma diferença de registro (formal x informal) no uso da variável (forma perifrástica)?
- o uso da variável é específico das camadas mais baixas da população, ou seu uso já se generalizou, deixando de ser desvio gradual da norma culta, ligando-se à contextualização?

Na observação da variável em estudo (futuro simples x futuro perifrástico) coletou-se um *corpus*, por meio de entrevistas gravadas, em situação natural de comunicação linguística.

Os fatores extralinguísticos levados em consideração foram: o nível sócio-econômico do falante, sua escolaridade e faixa etária, que poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores. No caso da variável estudada, não se levou em consideração o fator sexo, por não ter demonstrado ser significativo. Procurou-se determinar se o nível sócio-econômico e a escolaridade influenciam ou não no uso da variável, como também a faixa etária: se os falantes mais idosos evitavam esta variável em favor da forma preconizada pelas gramáticas normativas do futuro sintético.

Na tentativa de localizar fatores sociais que influenciassem a escolha de uma ou outra variável, selecionamos três informantes brasileiros de baixo nível econômico (1 a 5 s.m.) e escolaridade correspondente a 1º grau incompleto: três outros também brasileiros, de renda familiar superior a 5 s.m. Desses informantes, dois estão na faixa etária 16-18 anos, dois na faixa etária 30-40 anos e dois na faixa etária 50-60 anos. Além dos brasileiros, foram entrevistados dois informantes falantes de francês e de espanhol americano, respectivamente.

Os dados revelam não ter havido influência dessas variantes no uso ou não do futuro perifrástico (idade, escolaridade e classe social).

Informantes Futuro perifrástico Futuro simples

-Falante franco-canadense 85%(19/16) 15%(19/3)

-Falante panamenho 45%(11/5) 55%(11/6)

-Falante brasileiro 1 100%(19/19) 0%(19/0)

-Falante brasileiro 2 100%(13/13) 0%(13/0)

-Falante brasileiro 3 100%(4/4) 0%(4/0)

-Falante brasileiro 4 100%(35/35) 0%(35/0)

-Falante brasileiro 5 100%(27/27) 0%(27/0)

-Falante brasileiro 6 100%(19/19) 0%(19/0)

Tabela I - Contextos globais de ocorrências de futuro: do uso perifrástico e do uso do futuro simples.

É interessante notar que há uma grande gradação de formalidade nos dados dos falantes brasileiros, que pode ser notada da seguinte maneira:

- formal = *ir* com infinitivo;

- mais formal = outros modais com infinitivo, ou:
- futuro simples = mais formal
- outros modais com infinitivo = mais ou menos formal
- *ir* com infinitivo = menos formal

O futuro simples não aparece nos informantes brasileiros, mas apenas nos informantes franco-canadense e panamenho; essa forma é, porém, aceita como normal, principalmente na linguagem escrita, entre os usuários da língua portuguesa, como demonstram os resultados de testes de reação subjetiva que apresentaremos no próximo item.

Implicações pedagógicas: A importância das atitudes linguísticas resta bastante enfatizada, quando se consideram as reações subjetivas a traços lingüísticos como critério na definição de uma comunidade de fala (Labov, 1972, *passim*). Também, quando se salienta que uma comunidade de fala não pode ser concebida apenas como um grupo de falantes que usam as mesmas formas, mas que seria melhor definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à linguagem.

Dentro dessa linha de pensamento, elaborou-se um teste de reações subjetivas, onde aparecem diversas frases com futuro simples e perifrástico. Os falantes (alunos do 1.º período, Faculdade de Filosofia de Vassouras) avaliaram-nas dentro dos parâmetros: ótima, regular e ruim. O objetivo do teste foi o de detectar até que ponto os alunos têm consciência do uso perifrástico como indicador de linguagem padrão formal. Os resultados foram analisados no sentido de avaliar sua percepção em relação a essa variável.

Atendendo à gramática normativa, deveriam os alunos assinalar como ruins: as frases 4, 7, 11 e 13 que divergem da regência prescrita como norma culta; a frase 12, pelo uso inadequado da forma verbal; a frase 16 pela colocação inadequada do pronome. Seriam consideradas como regulares, as frases cujo verbo está em sua forma perifrástica, uma vez que essa forma é característica do português coloquial. E, finalmente, como ótimas, as frases que seguem rigidamente os preceitos da gramática normativa.

A idade dos informantes variou de 17 a 32 anos, com maior incidência na faixa 18-21; quanto ao sexo, a distribuição foi de 1/3 de homens e 2/3 de mulheres. Foram consultadas, no total, 39 pessoas.

Apresentaram-se as seguintes frases:

- 01- Na próxima semana, lhe emprestarei os livros.
- 02- O autor, cujos livros vão ser distribuídos na reunião, vai chegar de noite.
- 03- Vou lhe fazer uma surpresa no seu aniversário.
- 04- Domingo vou na sua casa estudar.
- 05- Os trabalhos, fá-los-ei amanhã.
- 06- Irei a Belo Horizonte nas férias.
- 07- Nunca me esquecerei este filme.

- 08- As músicas que vamos ouvir no show são de minha autoria.
- 09- O livro que trarei amanhã, vai abordar o assunto.
- 10- Darei três dias de prazo para a entrega do trabalho.
- 11- Assistiremos o filme, todos juntos.
- 12- Se eu ver que dará tempo, vou buscá-lo.
- 13- Vou a Itália assistir a copa do mundo.
- 14- Daqui a dois dias, dar-lhe-ei uma prova do meu amor.
- 15- Vou lhe dar duas horas para preencher o formulário.
- 16- O guarda lhe fornecerá as informações necessárias.

O uso do futuro simples em orações principais foi considerado, pela maioria dos alunos, como frase ótima, dentro dos padrões da norma culta (frases 1, 6, 10 e 16).

A ausência do uso da mesóclise não foi percebida pelos alunos (frases 1 e 16), enquanto o futuro com mesóclise não foi tido como ótimo (frase 5), à exceção da frase 14, por ser estereotipada.

As frases com futuro perifrástico foram consideradas ótimas por uma grande parte dos alunos, em proporção um pouco menor em relação às frases com futuro simples.

As orações simples sem subordinação foram melhor percebidas e julgadas que os períodos com oração subordinada, principalmente intercaladas, exceção feita à frase 8, que recebeu avaliação ótima de 60%.

Esses resultados levam-nos a refletir sobre a questão da inoperância e gratuidade de um ensino essencialmente gramaticalista, baseado na premissa de que, levando o aluno a decorar um número cada vez maior de regras, melhor ele dominará a língua materna.

Essa questão torna-se ainda mais grave quando os professores, sem análise crítica das gramáticas normativas, insistem em ensinar o exótico: formas que o aluno não sabe, porque ninguém usa. O ensino sistemático e categórico do futuro do presente em sua forma sintética é um exemplo dessa sobrecarga de inutilidades.

No decorrer da pesquisa, constatamos que o futuro simples não ocorreu na linguagem oral dos falantes de nenhuma classe social no Brasil, e que a substituição desse pelo uso perifrástico não é mais percebida como desvio da norma padrão.

A deficiência básica do ensino da língua materna deve-se, principalmente, à aprendizagem formal de uma gramática normativa, deixando de lado o cultivo de habilidades importantes como a percepção de diferenças entre a variedade padrão e a não-padrão, e também o conhecimento do valor funcional de cada uma. Essas habilidades dariam ao adolescente a capacidade de selecionar o grau relativo da formalidade da situação (Camacho 1978, p. 8-31).

Para que o ensino obtenha êxito, é necessário que o professor de língua

materna leve em consideração que o processo de padronização lida com propriedades lingüísticas e propriedades de natureza psicossocial.

Um ensino da norma padrão que se proponha eficiente deve levar em consideração a diferença entre o código oral e o escrito; o fato de a forma sintética do verbo no tempo futuro aparecer nos códigos escritos e quase nunca em situações orais deve ser uma pista para o professor de que há uma diferença entre os dois códigos que deve ser considerada. Ensinar de forma categórica, por meio de regras, como se língua oral e escrita fossem uma só realidade seria uma simplificação. esclarece Poersch:

o primeiro aspecto a ser considerado é a flexibilidade e mutabilidade do código lingüístico oral (...) ao professor se recomenda um conhecimento - que seja o mais completo possível - das diferenças, nos diversos níveis de análise lingüística, não só entre o código escrito e o código oral padrão, mas também entre o código oral padrão e as diversas outras variedades (Poersch 1986, p. 31).

Também, em outra pesquisa divulgada, aplicou-se um questionário para perto de cento e vinte alunos pertencentes a duas escolas, uma de classe média e uma de classe baixa, com o objetivo de definir as diferenças, nos dois grupos, relativas ao desempenho da língua escrita, observou-se que na Escola Raja Gabaglia (classe baixa, escola pública), os alunos substituem as formas simples pelo verbo *ir* seguido de infinitivo no presente do indicativo. Na Escola Belisário dos Santos (classe média, particular), coexistem as duas expressões. O fato comprova que o destaque de um futuro lididamente temporal realizou-se tardiamente, como uma elaboração da língua culta, que, ainda hoje, dificilmente encontra guarida na língua coloquial (Neves, 1999, passim).

### Considerações finais

Os dados evidenciaram o fato de que o uso perifrástico do futuro em situações orais faz parte do código oral padrão do português no Brasil, o que ocorre também no francês canadense e no espanhol centro-americano, muito embora apareçam nessas línguas, em um grau menor, ocorrências de futuro simples. Dessa forma, fica patente a importância de o professor levar ao aluno uma visão funcional da língua, com o objetivo de capacitá-lo a usá-la de modo eficaz e adequado, levando em conta o contexto lingüístico (oral x escrito) e a situação extralingüística (formal x informal).

A pesquisa corroborou o fato de que, ensinando de forma categórica e sistemática o futuro simples do indicativo como única alternativa para expressões

que designam ações futuras, a escola está trabalhando com o inexistente, com normas fora da realidade e superadas. E preciso, portanto, reestruturar o ensino de língua materna, buscando seus verdadeiros objetivos voltados para o seu uso efetivo em situações reais. Ao substituir o ensino prescritivo por uma prática produtiva, desenvolver-se-á no aluno sua competência lingüístico-comunicativa, propiciando-lhe, dessa forma, a necessária segurança lingüística para usar adequadamente as diversas variedades de sua língua, em sua sociedade.

### Bibliografia

- AUERBACH, E. BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Nacional, 1968.
- CAMACHO, CASTILHO, Ataliba T. de. Introdução ao estudo de aspecto verbal na língua portuguesa. Alfa, Marília, v. 12, p. 7-137, 1967.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1969.
- ELIA, Silvio. *Sociolingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro, Padrão/EDUFF/PROED, 1987.
- GOUGENHEIM, Georges. *Études sur les périphrases verbales de langue française*. Paris, Librairie A.G. Nizet, 1971.
- LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia, Philadelphia University of Pennsylvania Press, 1972.
- LLORACH, Emílio A. *Gramática estructural; según la escuela de Coopenhague y con especial atención a la lengua española*. Madrid, Gredos, 1951.
- MATOSO Câmara JR. *Princípios de Linguística geral*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.
- \_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
- NEVES, P.C.B. *Confronto sociolingüístico entre estudantes da zona oeste do município do Rio de Janeiro*. In: KLEIMAN, Angela B.; HENRIQUE, Eunice R.; CAVALCANTE, Marilda C. (Orgs). *Trabalhos em linguística aplicada*. Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp, n.º 14, julho/dezembro, 1980.
- PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/PRESENÇA/INL, 1976.
- TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1990.

- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal do português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Ed. Rev. Uberlândia, UFU, 1985.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português. Fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.